ENSINO DE HISTÓRIA, CINEMA E FICÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Luíza Nunes[1], Maria Thereza Magalhães[2], Uilk Miranda[3]

[1]Universidade Federal de Minas Gerais/ FAFICH, nunes_luiza19@yahoo.com.br

[2]Universidade Federal de Minas Gerais/ FAFICH, maria.thereza.97@hotmail.com

[3]Universidade Federal de Minas Gerais/ FAFICH, uilkmiranda.he@gmail.com

Resumo: Este trabalho pretende discutir o ensino de História nos anos iniciais do ensino básico utilizando cinema em sala de aula, com base em nossa experiência de estágio supervisionado no Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte, com alunos do 2º ciclo do Ensino Fundamental I.

Palavras-chave: História, Ensino de História, Cinema, Ensino básico.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, nos propomos a discutir o ensino de História nos anos iniciais do ensino básico à luz da utilização de multimídias – mais especificamente o cinema – em sala de aula, com base em nossa experiência de estágio supervisionado no Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte, com alunos do 4º e do 5º ano do Ensino Fundamental I. A escolha do tema a ser discorrido neste artigo se deu a partir do nosso desafio em lecionar uma oficina – chamada na escola de Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) – de História, Cinema e Ficção em que deveríamos trabalhar os conceitos básicos da disciplina através de filmes de ficção, ou seja, filmes que não pretendem, a priori, dialogar diretamente com a disciplina. Tal desafio nos fez refletir acerca dos limites do ensino de História para alunos do Ensino Fundamental I e também dos diálogos e das possibilidades entre o uso do cinema e a construção do conhecimento histórico.

O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Por que se ensinar História? Essa pergunta, sem dúvida, esteve presente desde a consolidação da História como disciplina escolar no século XIX e foi respondida de maneiras diversas com o passar do tempo e de acordo com os interesses em se

Realização Textolivre Apoio Laboratório SEMIOTEC CAED Centro de Apoio à Educação a Distância FALE PRAE PROEX PROGRAD UFMG MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BRASIL GOVERNO FEDERAL

ensiná-la. O debate que essa pergunta suscita sempre se refletiu também nas diferentes propostas curriculares elaboradas a nível nacional, estadual e municipal.

No Brasil, durante as décadas de 80 e 90 do século XX, após a redemocratização – décadas caracterizadas pela efervescência de movimentos sociais –, ocorreram diversos debates a respeito da História como conhecimento escolar e, assim, as novas propostas curriculares passaram a se preocupar

> *com a prática pedagógica, com a atuação e desenvolvimento do aluno (visto, agora, como ativo no processo de aprendizagem), preocupando-se em introduzir noções e conceitos históricos a partir do cotidiano do aluno* (CURALOV, 2012, p. 5).

Embora, como já explicitado, não exista uma única resposta para a pergunta "Por que ensinar História?", tais respostas passaram a apontar para um horizonte comum, corroborado também pelos parâmetros curriculares nacionais. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em seu texto "Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história", sintetiza bem esse novo horizonte delineado: para ele, as funções do ensino de História são a de alargamento do tempo e do espaço rumo a uma noção de humanidade, a de formar subjetividades, a desnaturalizar o presente, a de nos tornar menos resistente a mudanças e conscientes de uma coletividade, nos fazendo cidadãos que agem no espaço público a partir de sua consciência como sujeito histórico.

Além das respostas para a pergunta acima serem diversas, o lugar do ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda suscita muitas polêmicas e discussões. O debate central é sobre em que medida as noções básicas de História – como as de tempo e espaço, de temporalidades, de presente, passado e futuro, de memória, imaginário e coletividade – podem ser assimiladas e depreendidas por alunos de sete a onze anos, embora essas noções básicas sejam o objetivo em si do ensino da disciplina nessas séries.

A despeito dos debates sobre a impossibilidade de se ensinar História para alunos de determinadas faixas etárias que partem do princípio de que não há condições cognitivas de abstração suficientes para a criança dominar alguns conceitos, como, por exemplo, o de tempo, sabe-se que:

> *"A criança é capaz de construir o sujeito histórico, através das interferências de leituras que faz, da escola em que estuda, do cotidiano fora da escola e da interpretação individual sobre tudo o que vê e ouve"*

E, sendo assim,

> *"podem ser introduzidas ao raciocínio histórico* ***a partir das referências temporais presentes no cotidiano e a partir de experiências e reflexões sobre o tempo vivido por elas."*** (CURALOV, 2012, p. 7, grifo nosso).

PLANEJAMENTO GERAL PARA TRABALHAR OS TEMAS HISTÓRIA, CINEMA E FICÇÃO

Como parte da disciplina Análise da Prática de História/Estágio de História II, o GTD tem por objetivo geral, definido pela professora orientadora em diálogo com a turma, "refletir sobre categorias e conceitos históricos fundamentais, e sobre questões sociais contemporâneas, por meio da fruição e da análise de filmes de ficção".

Partindo desse pressuposto geral, decidimos trabalhar os conceitos *alteridade* e *temporalidades* a partir dos temas Tempo, Espaço e Cultura, com os objetivos específicos de: 1) pensar em que medida o contato com este outro é capaz de modificar o nosso modo de perceber o tempo e o espaço; 2) alargar a noção de tempo e espaço rumo à concepção de humanidade; 3) aproximar os alunos de realidades diferentes das que vivem, caracterizando sua diferença em três eixos: as temporalidades, o espaço e as culturas. Os objetivos, por sua vez, dialogam diretamente com os filmes trabalhados, quais sejam:

O primeiro deles foi *O segredo de Kells (The secret of Kells):* uma animação de 2009, com produção internacional envolvendo França, Bélgica e Irlanda, que narra a produção de um livro (o livro de Kells) em um mosteiro medieval. O enredo acompanha o menino Brendan, sobrinho do abade maior do mosteiro, que se envolve na produção do livro em meio a constante ameaça de ataque dos vikings, interagindo, a partir disso, com elementos do imaginário cristão e pagão.

O planejamento inicial acerca desse filme foi pensar como a relação com o outro (o não-eu) é capaz de alterar as formas de entender e operar sobre o mundo, discutindo essa relação dentro de uma cultura temporalmente diferente daquela dos

alunos. Além da abordagem acerca do tema, pretendemos também nesse momento trabalhar as diferentes dimensões do documento (filme) como proposto por Hermeto (2012). A autora utiliza cinco dimensões fundamentais do documento a serem trabalhadas numa sequência didática, sendo elas: a material, que se refere ao suporte e à linguagem onde se encontra a narrativa; a descritiva, abordando quais os temas e objetos; a explicativa, ou seja, qual a versão da narrativa sobre o tema; a dialógica, com quais referências aquela narrativa interage e enfim; a sensível, sendo quais sentimentos e emoções se envolvem na produção e recepção do objeto.

O segundo filme a ser trabalhado seria *A viagem de Chihiro* (2003), dirigida por Hayao Miyazaki. Esse, por sua vez, acompanha a aventura de uma menina (Chihiro) numa casa de banho destinada a espíritos após se separar de seus pais que exploravam um suposto parque temático vazio.

Esse filme traz elementos da cultura e da religião oriental, apresentando, como o primeiro filme trabalhado, uma convivência entre diversos elementos místicos/imaginários e outros reais. Semelhantes também eram as formas como o planejamento desse ciclo do GTD dialogava com os objetivos propostos, diferenciando-se do primeiro por sua digressão predominantemente espacial entre a realidade do filme e dos alunos. Outra diferença seria a forma de tratar o imaginário: enquanto em *O segredo de Kells* predomina a vida “real” e os elementos imaginários eventualmente aparecem, em *A viagem de Chihiro* poucos elementos de realidade pouco interferem na trama essencialmente imaginária.

O terceiro – e último – filme exibido foi *Zootopia* (2016), dirigido por Byron Howard, Rich Moore e Jared Bush, cujo enredo acompanha a história de uma coelha policial da cidade de Zootopia em uma investigação envolvendo a transformação de “predadores” históricos em selvagens.

Partindo do enredo objetivamos discutir a questão da diversidade, sem fugir ao debate central da alteridade em diálogo com a multiplicidade de realidades no mundo. O planejamento previa também o uso do filme enquanto um motivador para a produção de uma atividade final, que seria a produção de uma narrativa em grupo com o tema geral da diversidade – atividade ainda não realizada, prevista para a segunda quinzena do mês de junho.

Pretendemos com esse plano traçar um caminho para o uso de filmes enquanto objeto de ensino de história. Como se percebe, a intenção não é utilizar os filmes enquanto suporte do conteúdo histórico, mas, ao contrário, extrair de tal linguagem ferramentas que possibilitem a operação dos sujeitos com temas históricos em outros contextos espaço-temporais.

BREVE RELATO DE EXPERIÊNCIA

Esse trabalho está sendo feito à luz de filmes ficcionais que serão colocados em perspectiva para se pensar o outro e, pensando nas possíveis dificuldades que poderiam vir com a distância dos temas trabalhados com a realidade dos alunos, tentamos sempre trazer atividades que aproximassem as narrativas apresentadas às suas vidas.

Tendo isso em vista, após a discussão do filme *O Segredo de Kells*, propusemos que os alunos pensassem e escrevessem uma história que aconteceu com eles que evidenciasse uma mudança a partir da abertura para o contato com o outro e/ou com outra nova realidade. Nesse mesmo sentido, a partir da exibição do filme *A Viagem de Chihiro*, foi proposta a confecção de origamis e cerejeiras, símbolos da cultura japonesa, mas que, de certa forma, já habitam nosso imaginário e são próximas do nosso mundo referencial. O último filme, como dito, será utilizado como mote para uma pequena produção cinematográfica dos alunos.

Uma das maiores dificuldades percebidas na utilização dos filmes é a fruição, pois, sendo filmes de ficção cuja estética é próxima da que os alunos apreciam, corremos sempre o risco de que o debate se perdesse e que a narrativa do filme contaminasse a discussão de forma desnecessária. Outro desafio a ser superado que identificamos em sala de aula foi a dificuldade de fazer os alunos operarem com os conceitos ensinados em outros contextos, muito embora, na maioria das vezes, eles compreendessem os conceitos a partir das análises propostas atreladas à chave de leitura de interpretação dos filmes.

CONCLUSÃO

Partindo, então, do nosso desafio de conjugar os novos objetivos em se ensinar a disciplina no contexto escolar, as limitações e as possibilidades de sua

aprendizagem nas séries iniciais e, por fim, a incitação de ensinar História a partir de narrativas ficcionais cinematográficas, concebemos uma plano de aula a ser desenvolvido ao longo de um semestre com os alunos do 2º ciclo do Ensino Fundamental I. O nosso objetivo, enfim, é discutir com os alunos temas básico para o ensino e a aprendizagem de História – a alteridade e as temporalidades – e, nesse sentido, nosso propósito é fazer os alunos pensarem o nós e os outros no tempo e no espaço, alargando suas concepções de cultura.

Por fim, entendemos que a linguagem cinematográfica e ficcional é uma maneira de introduzir conceitos de talvez difícil assimilação para alunos dessa faixa etária, uma vez que traz, de antemão, exemplos prontos daquilo que se pretende posteriormente teorizar. Assim, seguimos historicizando conceitos a partir não só da realidade deles – como explicitado acima – mas também lhes apresentando diferentes realidades – temporal, espacial e culturalmente – a partir de filmes, buscando atingir, o fim último do ensino de história para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental I: a alteridade, isto é, o exercício de pensar o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Roberta Negrão de; GENNARI, Ana Paula Gonçalves Arantes. A formação de professores para o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental. In: Editorial – *Revista Ensino & Pesquisa*, v.14, n.2, 2016, p. 232-250.

CURALOV, Vivyanne Sztanderski. O ensino de História nos anos iniciais: pesquisa exploratória com professores do ensino fundamental I. In.: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, 8., 2012. Campinas. Faculdade de Educação da Universidade de Campinas. *Grupos de Trabalho.* Campinas: Fóruns Contemporâneos de Ensino de História no Brasil, 2012, p. 1-21.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história. In: GONÇALVES, Márcia et all (Org.). Qual o valor da História Hoje? Rio de Janeiro: FGV, 2012. p. 21-39.

HERMETO, M. A canção popular brasileira e o ensino de História. _____. *Canção popular Brasileira e Ensino de História: palavras, sons e tantos sentidos.* Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2012, p. 141-176.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a história e pedagogia. *Revista História e Ensino*, Londrina, v.9, 2003, p. 259-272.